Acesso em 15 jun. 2020. Disponível em: https://drauziovarella.uol. com.br/entrevistas2/convivencia-com-criancas-com-down-entrevista/.

EDUCAÇÃO ESPECIAL. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, 1994.

FONSECA, V. Educação especial: programa de estimulação precoce – Uma introdução as idéias de Feuerstein. 2. ed.rev. aum. Porto Alegre: ed. Artes Médicas, 1995.

GUHUR, M. L. P. Deficiência Mental sob a perspectiva Vygotskiana: primeiros apontamentos. In: MORI, N.N.R. Educação Especial: olhares e práticas – Londrina: ed.

UEL, 2000, p. 79-93.

MACHADO, A. C. ; ALMEIDA, A.A., Parceria no contexto escolar: uma experiência de ensino colaborativo para educação inclusiva. Rev. psicopedagogia 2010; 27(84): 344-51

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no

Brasil. Revista Brasileira de Educação, v.11, n. 33, p.387-405. set/dez, 2006

MOREIRA, M. A.. Teoria de aprendizagem cognitivismo - humanismo comportamentalismo. São Paulo: Ed. EPU, 2011.

NETTO, O. L. C. e BISSACO, A. Desenvolvimento de Ambiente Virtual para Auxiliar a Memorização de Rotinas Diárias em Crianças com Síndrome de Down. V Latin American Congress on Biomedical Engineering CLAIB 2011. Anais. Habana, Cuba p. 69 -72, May 16-21, 2011.

Parecer CNE/CEB nº 17 de 3 julho de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. DOU em 17/08/2001. Seção 1. p.46. 2001.

PIMENTEL, Susana Couto: Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos, 2007 – Acesso em 15 jun. 2020.

Disponível em: https://repositorio. ufba.br/ri/handle/ri/10562.

PUESCHEL, Siegfried. (Org.) Síndrome de Down: guia para pais e educadores. 5. ed. Campinas: Papirus, 1993.

Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001. CEB/CNE. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. DOU em 14/09/2001. Seção 1E, p 3940, 2001.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down. 2.ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. 324 p.

A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O MEIO AMBIENTE. UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DO DESENHO INFANTIL

ROSELI BELDA DALTON

RESUMO

A Educação Ambiental é um processo permanente e contínuo, que não se limita à educação escolar, mas, introduzi-la na escola, inclusive na educação infantil é uma das estratégias para o seu desenvolvimento. O desenho é um importante meio de comunicação, e apresenta-se como uma atividade fundamental, pois

a partir dele a criança expressa e reflete suas ideias, sentimentos, percepções e descobertas. Este trabalho teve como objetivo verificar a percepção que a criança possui do meio ambiente através da ótica do desenho livre. Para isso, uma sequência didática foi realizada envolvendo os alunos de 3 a 5 anos da Escola de Educação Infantil Antônio Lapenna sobre Educação Ambiental. Essa sequência constou de: rodas de conversas, leitura de livro, vídeo sobre meio ambiente, passeios ao ar livre e confecção de desenhos. Para a análise do conteúdo foi realizada uma abordagem qualitativa no cenário da Educação Ambiental, e de forma quantitativa para estabelecer critérios de importância a elementos nos desenhos. Através desses desenhos pode se observar que em relação a percepção do meio ambiente é muito forte a visão naturalista, onde a criança usufruí da natureza mas não se inclui como parte dela.

Palavras-chaves: educação infantil; percepção ambiental; desenho livre.

ABSTRACT

Environmental Education is a permanent and continuous process, which is not limited to school education, but introducing it to school, including early childhood education, is one of the strategies for its development. Drawing is an important means of communication, and presents itself as a fundamental activity, because from it the child expresses and reflects his ideas, feelings, perceptions and discoveries. This work had as objective to verify the perception that the child possesses of the environment through the optics of the free drawing. For this, a didactic sequence was carried out involving the students of 3 to 5 years of the School of Infantile Education Antônio Lapenna on Environmental Education. This sequence consisted of: conversation wheels, book reading, video about the environment, outdoor walks and drawing. For the content analysis, a qualitative approach was carried out in the Environmental Education scenario, and in a quantitative way to establish criteria of importance of the elements in the drawings. Through these drawings it can be observed that in relation to the perception of the environment the naturalistic view is very strong, where the child enjoys nature but is not included as part of it

INTRODUÇÃO

A medida que as questões ambientais se tornam mais abrangentes, faz se necessário novos conhecimentos para ter melhor compreensão desta problemática. No contexto atual, a Educação Ambiental tem sido introduzida no âmbito escolar através de projetos. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) sancionada em 1997 relaciona a EA como tema transversal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e deixa claro que a mesma deve ser trabalhada de forma interdisciplinar e em consonância com o contexto social. Diante deste fato: qual a melhor maneira dos professores da Educação Infantil desenvolver com as crianças práticas de educação ambiental?

No momento que educação ambiental entra na vida escolar da criança, a mesma deve dar a ela a possibilidade

de compreensão e integração, com respeito e consciência ao meio em que se vive. (MENEZES, 2012).

Na Educação Infantil, a criança precisa explorar o ambiente e perceber que é parte dele e que as suas ações refletem no meio em que vive.

É fundamental (...) possibilitar vivências para que a criança sinta a necessidade de cuidar bem do meio ambiente. E não basta que a criança aprenda a importância de preservar o meio ambiente, é necessário que ela tome como exemplo as atitudes dos adultos de seu convívio como educadores e familiares (GÍRIO, 2010).

Assim procurou se através da percepção ambiental, estabelecer relações de afetividade das crianças com o meio ambiente para compreender como elas percebem e representam o meio em que vivem. A percepção das crianças sobre ambientes naturais tem sido objeto de estudos que visam subsidiar propostas em educação ambiental. A forma como o ser humano compreende o meio ambiente é resultante de conhecimentos e experiências. Diante de uma mesma situação, cada pessoa tem uma experiência única de percepção, que contribui para formar suas representações e/ou concepções sobre o mundo (COSTA, 2014).

Para o estudo dessa percepção foi adotado o desenho livre com o objetivo de fazer uma sondagem sobre a noção que a criança têm dos problemas ambientais e baseado nisso ampliar seus conhecimentos com ações abordadas através de uma sequência didática. Esse estudo foi desenvolvido utilizando uma metodologia de pesquisa qualitativa com os alunos da educação infantil seguindo a perspectiva da Educação Ambiental.

Portanto, é fundamental compreender como as crianças percebem e representam o ambiente em que vivem, tornando o processo educativo mais proveitoso (SIMMONS, 1994). Vários estudos têm sido realizados com a finalidade de analisar a percepção ambiental de crianças e adultos sobre variados aspectos. Segundo Pereira (2010) esses estudos servem de base para o diagnóstico da situação real sobre os grupos avaliados, além disso, dão suporte para proposição de metodologias para o desenvolvimento de ações que possam proporcionar uma conscientização sobre o tema, para o aperfeiçoamento das ações adequadas que já estão sendo desenvolvidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

É na faixa etária de quatro a seis anos que as crianças precisam vivenciar situações concretas para assimilar os conhecimentos. Por isso, tomar conhecimento da realidade em que elas estão inseridas é fundamental para formarem valores relacionados às questões ambientais. Neste sentido, Rau (2011) aborda em seus estudos, que os métodos que contemplam a educação ambiental na educação infantil como linguagem adequada aos alunos, recursos lúdicos, fazem parte do cenário que possibilita a construção do conhecimento.

A educação escolar é um dos agentes fundamentais para a divulgação dos princípios da Educação Ambiental (EA) que deve ser abordada, de forma sistemática e transversal (DEPRESBITERIS, 1998), em

todos os níveis de ensino, mas principalmente no ensino infantil, onde o cidadão encontra-se em formação inicial dos seus conceitos e valores (NEAL ; PALMER, 1990), assegurando a presença da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares.

Gírio (2010) defende que, cabe à família e à escola trabalharem com os pequenos no sentido de que todos, somos responsáveis pelo meio ambiente e que precisamos rever os nossos hábitos, mesmo os mais inocentes, se quisermos viver num planeta saudável. Salienta que as crianças precisam de vivências enriquecedoras, a partir da mediação dos seus educadores que os orientam de forma sistemática a observar, experimentar, pesquisar, comparar, relacionar, formular, relatar, enfim, construir conhecimentos significativos despertando o sentido de cuidar para não faltar. Vivenciar, por meio da prática, experiências que ampliam o conhecimento sobre temas trabalhados em sala de aula, faz com que a criança participe do processo de aprendizagem de uma forma mais dinâmica e prazerosa.

Na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, a questão ambiental aparece nos objetivos gerais do Referencial Curricular Nacional para a Educação

Infantil (RCNEI), os quais ressaltam que a criança precisa: "Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação" (BRASIL, 1998, vol. 1, p.63)

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL.

A percepção ambiental vem sendo abordada através de metodologias variadas. É necessário que a criança perceba -se do ambiente em que vive para poder realizar qualquer atividade posteriormente.

Segundo Del Rio (1996) a percepção ambiental é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente, que se dá através de mecanismos perceptivos, os quais são dirigidos por estímulos externos e captados através de nossos órgãos do sentido (visão, tato, olfato, audição e paladar). O processo de percepção envolve também a área cognitiva do ser humano, a qual compreende o processo de contribuição da inteligência, admitindo-se, portanto, que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente.

Tuan (1980) ressalta que a percepção varia de acordo com o que tem valor para cada indivíduo, para sua sobrevivência biológica e para proporcionar certas satisfações que estão enraizadas nas diferentes culturas. As respostas, ou manifestações de cada pessoa, são resultados das percepções, julgamentos e expectativas de cada um. É importante ressaltar que a percepção não se constrói somente com aquilo que as sensações nos trazem, mas também com aquilo que as representações coletivas, ou seja, a sociedade nos impõe. É certo que cada indivíduo percebe, reage e responde de forma diferente às ações sobre o meio. Portanto, existem diversas maneiras de se ver e interpretar o mundo a nossa volta, as quais são estabelecidas a partir das experiências pessoais de cada um

O DESENHO

O desenho é uma das formas de expressão que o ser humano possui desde os princípios da Antiguidade, sendo considerada como a primeira forma de manifestação da escrita do homem. Caracteriza-se por uma representação gráfica de um objeto real ou de uma ideia abstrata e tem sido reconhecido por muitos pesquisadores como uma importante fonte de informação e uma maneira especial de se obter revelações sobre o inconsciente humano, além de ser reconhecido como um meio de comunicação, de expressão e de conhecimento (MÈREDIEU, 2006).

Ele vem sendo adotado como estratégia metodológica para a percepção da representação de emoções e concepções relacionadas ao meio ambiente tanto de crianças como de pré-adolescentes (REIGADA e TOZONI-REIS, 2004; REJESKI, 1982). Porém, a coleta de dados/informações dos desenhos não é trivial. Dependendo do referencial teórico do pesquisador, o fenômeno perceptivo pode ter inúmeras possibilidades interpretativas. Por exemplo, no seio da psicologia, há inúmeras correntes que podem denotar uma multiplicidade de entendimentos. A adoção de desenhos para identificar a percepção ambiental prévia a uma atividade em educação ambiental tem sido largamente adotada (MARTINHO e TALAMONI, 2007; REIGADA e TOZONI-REIS, 2004). Desse modo, em toda ação de educação ambiental devem ser identificadas, previamente, as concepções dos sujeitos a serem abordados, visando um adequado planejamento das atividades pedagógicas que serão adotadas (AZEVEDO, 2007; REIGOTA, 2007).

Portanto, as experiências gráficas fazem parte do crescimento psicológico e são indispensáveis para o desenvolvimento e para a formação de indivíduos sensíveis e criativos, capazes de transpor e transformar a realidade (GOLDBERG et al, 2005)

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo optou-se pela investigação qualitativa. As pesquisas qualitativas são exploratórias, ou seja, estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação, sendo a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, processos básicos neste tipo de pesquisa (DEMO, 1991)

Essa pesquisa foi desenvolvida nos meses de setembro e outubro de 2017 na Escola Municipal de Educação Infantil Antonio Lapenna, localizada no bairro de São Miguel Paulista Zona Leste de São Paulo. Esta escola atende crianças de 3 a 5 anos de idade que são divididos entre os turnos da manhã e tarde. Com uma infra estrutura muito organizada, possui 6 salas de aula, laboratório de informática, brinquedoteca, sala de leitura e uma área aberta com árvores frutíferas, plantas ornamentais e um parque com brinquedos sob a sombra de árvores frondosas. O público alvo desta pesquisa foram 35

crianças que possuem idades entre 4 a 5 anos. Nesta faixa etária os seus desenhos tornam-se mais elaborados, ganham mais cor e a criança começa a ser capaz de representar objetos e paisagens com certas proporções (CORTINA,1995). Por esta razão foram selecionados permitindo assim uma melhor análise das variáveis.

O trabalho foi dividido em uma sequência de atividades(vide apêndice b):

Atividade 1

A pesquisa foi iniciada pela roda de conversa baseada em questões para verificar o conhecimento prévio dos alunos. Foram abordados os temas: água, animais, vegetação, cuidados com o local onde vivem e o meio ambiente em que estão inseridos. Segundo Leite (2004), a roda da conversa é positiva, pois possibilita momentos de interação entre os colegas e o professor, e também incorporar discussões acerca das atividades a serem desenvolvidas e vivenciadas na escola. Após a roda de conversa foi solicitado para as crianças fazerem um desenho baseado no conhecimento que elas possuem contextualizando o seu dia a dia a fim de realizar uma análise diagnóstica.

Atividade 2

Passeio pelas áreas da escola, direcionando os olhares para observar e descobrir o ambiente que elas (as crianças) passam boa parte do seu tempo. A técnica da aula-passeio como recurso pedagógico, criada por Célestin Freinet (1896-1966), foi adotada a fim de mostrar uma nova visão dos espaços abertos. Freinet (apud MELLO, 2002) percebeu como as crianças interessavam-se muito mais pelo mundo real, que estava bem ali, fora da sala de aula, do que por aquelas velhas lições escolares apresentadas pelo professor. Este educador desenvolveu esta proposta pedagógica a partir de passeios que realizou com seus alunos pelo entorno da escola, pelo bairro, pela cidade, para conhecer o ambiente e os seus problemas.

Atividade 3

Vídeo sobre meio ambiente. “Um plano para salvar o planeta”- Mauricio de Souza Produções.

Roda de conversa após o vídeo.

Atividade 4

Hora da História: Livro sobre o meio ambiente.

Bellinghausen, Ingrid Biesemeyer

Vamos Abraçar o Mundinho/ Ingrid Biesemeyer Bellinghausen; Ilustração da autora- 3.ed. rev.- São Paulo: Editora DCL, 2014.

Literatura infanto-juvenil.

O livro foi selecionado seguindo alguns critérios necessários para a idade de 3 a 6 anos como:

– Ilustrações e fotos coloridas e claras;

– Enredos simples e divertidos. A história deve ser rápida para que o livro possa ser lido de uma vez só;

– Conteúdo com rimas e repetições que estimulem a memória da criança;

– Livros que explorem conceitos básicos, que estimulem a criatividade e a participação dos ouvintes;

– Personagens centrais da idade da criança ou um pouco mais velhos.

- Roda de conversa após a leitura.

Coelho e Santana (1996) e Figueira (2001) consideram que os livros de literatura infantil podem se tornar instrumentos importantes para a educação ambiental, uma vez que são recursos muito utilizados na educação infantil, que podem estimular a criatividade e imaginação, podendo, inclusive, conscientizar os leitores acerca de questões ambientais.

Atividade 5

Desenho: as crianças representaram graficamente sobre os temas abordados sem a intervenção do pesquisador.

A análise dos desenhos foi iniciada pela identificação dos elementos. Para compreender a relação dos alunos com o meio ambiente a técnica se ocupou apenas em descrever os elementos representados nos desenhos.

Os desenhos foram categorizados a partir da Análise de Conteúdo buscando evidenciar as regularidades encontradas nas produções das crianças. Após uma conversa, a fim de identificar as intenções de seus desenhos, os elementos por elas representados foram organizados para facilitar a análise dos resultados encontrados.

(BAUER E GASKELl, 2008).

Análise do conteúdo

Este tipo de análise vem sendo utilizada cada vez mais nas pesquisas qualitativas. Trata se de um método que busca avaliar o conteúdo manifesto nas comunicações, sejam elas verbais ou não.

Bardin (1979) conceitua a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, sejam estes quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e/ com múltiplas aplicações, podendo ser utilizada tanto como técnica quantitativa quanto qualitativa ou recepção destas mensagens. Ou seja, a análise de conteúdo é um instrumento de pesquisa científica, além de ser uma técnica que não tem modelo pronto, constrói-se através de um vai e vem contínuo e tem que ser reinventada a cada momento (BARDIN, 1979).

Fases da Análise de Conteúdo

De acordo com Bardin (1979) a análise de conteúdo se organiza em 3 fases: a pré-análise, a análise do material e o tratamento dos resultados, que compreende a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita, onde o pesquisador operacionaliza e sistematiza as ideias, elaborando um esquema preciso de desenvolvimento do trabalho. É o momento que permite ao pesquisador o contato inicial com o material de trabalho, no caso do presente trabalho, os desenhos infantis.

Bardin (1979) chama este primeiro momento de “leitura flutuante”, através da qual o pesquisador tem as primeiras orientações e impressões em relação às

mensagens contidas no material de análise. Esta fase será caracterizada pela escolha do material a ser analisado, pela formulação das questões norteadoras do trabalho e seus objetivos e pela elaboração de indicadores para a interpretação dos dados.

A fase de análise do material é a etapa mais longa do processo metodológico. Consiste na codificação, categorização e quantificação das informações obtidas na pré análise. Ou seja, os dados brutos são transformados de forma organizada e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes dos conteúdos encontrados no material de análise (BARDIN, 1979). A organização da codificação compreende a escolha de unidades de registro, a seleção de regras de contagem e a definição das categorias de análise. Unidade de registro é a unidade de significação a codificar, neste caso, as unidades de registro do presente trabalho são os tipos de elementos encontrados nos desenhos infantis.

A seleção de regras de contagem caracteriza-se pela quantificação das unidades de registros. Neste processo, a presença ou ausência de determinados elementos pode ser significativa, ou seja, a frequência com que aparece uma unidade de registro denota lhe importância. No presente trabalho será utilizada a contagem dos elementos encontrados nos desenhos, sendo apresentada a frequência destes elementos nos quadros.

Assim, de acordo com os elementos encontrados nos desenhos das crianças foram definidas categorias de análise, as quais apresenta-se abaixo, juntamente com os elementos que supostamente farão parte de sua classificação.

- Categoria 1 – Elementos naturais: desenhos que apresentam elementos naturais do ambiente biótico e abiótico.

- Categoria 2 – Elementos construídos: desenhos que apresentam elementos construídos pelo homem.

- Categoria 3 – Outros: desenhos que apresentam elementos humanos (pessoas) e/ou ações humanas.

As categorias foram criadas a partir da realização da pré análise dos elementos contidos nos desenhos, sendo que neste procedimento considerou se os requisitos de:

-homogeneidade, não misturando os critérios de classificação; classificando a totalidade dos conteúdos;

-exclusão, onde um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado em mais de categoria e

-adequação, onde os documentos selecionados para análise devem proporcionar a informação adequada para cumprir os objetivos da pesquisa, conforme orienta Bardin (1979).

O tratamento dos resultados, que compreende a inferência e a interpretação é a última etapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar as formas de pensar e agir sobre o meio ambiente são fundamentais para que se possa compreender o contexto que as crianças estão inseridas. A Educação Ambiental é um processo permanente e contínuo, que não se limita à educação escolar, mas, intro-

duzi-la na escola, inclusive na educação infantil é uma das estratégias para o seu desenvolvimento.

Este estudo mostrou que a maior parte das crianças possui uma visão naturalista do que é meio ambiente e que não se incluem como parte dele. Mudar essa ideia e tentar mostrar a elas que são parte integrante do meio em que vivem e que suas ações refletem na qualidade de vida, precisa ser integrada a Educação Infantil, que de acordo com seus princípios pode gerar construção de novos pensamentos e transformação de valores e atitudes.

Para que haja uma mudança é necessário a capacitação de professores, disponibilidade de instrumentos e materiais pedagógicos específicos para esta área e incentivos para as escolas, para a implantação de projetos e programas voltados à Educação Ambiental.

Portanto, fica evidenciado com esta pesquisa que através de seus objetivos pode se perceber que os desenhos das crianças nos permitem a captação de informações sem que sejam necessário a expressão verbal e escrita. Acreditamos assim, que possamos contribuir para estudos futuros de inserção da Educação Ambiental na Educação Infantil, favorecendo mudanças sociais com relação ao meio ambiente.

8. REFERÊNCIAS

ANTONIO, D.G;GUIMARÃES, S.T.L. Representações do meio ambiente através do desenho infantil: Refletindo sobre os procedimentos interpretativos. Educação ambiental em ação, Novo Hamburgo, n.14, 2005.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979

BÉRDAD, N. Como interpretar os desenhos das crianças. São Paulo: Isis, 1998.

BISPO, M. O.; OLIVEIRA, S. F. Lugar e cotidiano: categorias para compreensão de representações em meio ambiente e educação ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, Cuiabá, v. 2, n. 2, p. 69-76, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/ SEF, 1998.

COELHO, N. N.; SANTANA, J. S. L. e. A Educação Ambiental na literatura infantil como formadora de consciência de mundo. In: TRAJBER, R.; MANZOCHI, L. M. (Org). Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais impressos. São Paulo: Gaia, 1996, p. 59-76.

COSTA, C. C. Estudo da percepção ambiental no pelotão ambiental do estado de Sergipe. Revista Sergipana de Educação Ambiental. v.1, n.1, 2014.

DEL RIO,V.;OLIVEIRA,L.(org.)Percepção Ambiental:a experiência brasileira. São Carlos: EdUfscar, 1996.

DEMO, P. Avaliação qualitativa. São Paulo: Cortez, 1991.

DEPRESBITERIS, L. Educação Ambiental: algumas considerações sobre interdiscipinaridade e transversalidade. In: NOAL, F.O.; REIGOTA, M;

BARCELOS, V.H.L. (org.) Tendências da Educação Ambiental brasileira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. p.127-143.

FAGGIONATO, S. Percepção Ambiental. Texto situado no site http://educar.sc.usp.br Acesso em 06/05/2018

Filme "Um Plano Pra Salvar o Planeta" Produções Maurício de Souza Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=so7aRkI6EpoAcesso em: 28/09/2017

GÍRIO, Maria das Graças de Castro. A preservação do meio ambiente na educação infantil.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.).

Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004

GOLDBERG, L. G., YUNES, M. A. M., FREITAS, J. V. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr, 2005

GOLDBERG, L.G.; YUNES, M.A.M.& FREITAS, J.V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. Psicologia em Estudo, Maringá. 10 (1), 97106, 200

NEAL, P.; PALMER, J. Educação Ambiental na Escola Primaria. Education Oxford: Blackwell, 1990. 226p.

Pedrini, A.; Costa, E. A., Ghilardi, N. Percepção Ambiental de Crianças e Préadolescentes em Vulnerabilidade Social para Projetos de Percepção Ambiental. Ciência e Educação, v.16 n1, p. 163-79, 2010.

PENTEADO, H. D. Meio Ambiente e Formação de professores. (coleção questões de nossa época). São Paulo: Cortêz, 1994

PEREIRA, F.S.P. Grafismo no aprendizado – ferramenta para a avaliação da percepção ambiental de estudantes de uma escola em serra talhada – PE. Serra Talhada/PE, 2010

RAU, M. C. T. D. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica. Curitiba, PR: Ibpex, 2011.

REIGADA, C., & REIS, M. F. D. C. T. Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de pesquisa-ação. Ciência & Educação, v. 10, n. 2, 149-159, 2004.

REIGOTA, M. Meio ambiente e representações social (Vol. 41). São Paulo: Cortez, 2001

REIGOTA, M. O que é educação Ambiental. São Paulo, 2. ed. Editora Brasiliense, 2014.

SATO, M. Educação Ambiental. São Carlos: RiMa, 2004.

SAUVÉ, L. A Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. Revista de Educação Pública, Cuiabá, UFMT, v.6, n.10, jul./dez.1997. Disponível em: Acesso: em 10 de abril de 2018

TUAN, Y. F. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980